

José Carlos Oliveira

TOM JOBIM ABRE O JÔGO

O cronista decide abandonar seu estilo de hábito para transformar-se em repórter circunstancial, conseguindo entrevistar uma celebridade carioca das mais avêssas a entrevistas: o compositor Antônio Carlos Jobim



Hoje estou assim um pouco — como direi? — ligeiramente desconfiado de que a minha série de crônicas *Diário de uma Ilusão* já está enchendo a paciência dos leitores. Enquanto a desconfiança não se transforma em certeza, é melhor *bater um papo* com o artista que, ao lado de João Gilberto, foi o mais elogiado pelos participantes estrangeiros do Festival da Canção. Ele é Antônio Carlos Jobim, pescador e caçador de macuco (os caçadores de macucos são pessoas de bom coração. Com tanto passarinho no bosque, eles procuram o único que não se deixa caçar. Ficam no mato o dia inteiro e, quando voltam para casa, trazem tudo, menos macuco).

1. *É verdade, Tom, que você foi convidado a gravar um novo LP nos Estados Unidos, por 25 mil dólares?*

Tom — Assim me informou Fernando Lôbo. Mas no momento estou querendo ficar aqui. No dia 25 de outubro eu devia estar lá, fazendo o *Ed Sullivan Show*. E não fui. Minha analista bateu palmas. Parafraseando o Drummond — é parafraseando que se diz? — entendo que música é negócio sério. É preciso rever, estudar, eliminar — como se diz? — rasgar, jogar fora, e não interessa também andar toda hora dando *show*, andando de avião e só ganhando dinheiro, né? Mas como o brasileiro gosta muito de dizer que foi convidado e que não foi, eu diria agora que fui convidado para fazer um samba em Tóquio...

2. *Por falar em macuco, será igualmente verdade, como andam dizendo as fôlhas, que você vai fazer uma sinfonia ba-*

seada nos pios de pássaros?

Tom — Eu tinha uma velha idéia de fazer isso. Sempre tive isso na cabeça. O problema para afinar êsses pios é que é fogo, sabe? Na *Sinfonia de Brasília*, Vinícius e eu usamos os pios do jaó e da perdiz.

3. *Qual o pio mais bonito que você conhece?*

Tom — Entre os passarinhos-passarinhos — passarinhos-passarinho (o entrevistador também não está entendendo nada)... Gosto do melro, do trinca-ferro, das sabiás tôdas... Diz aí uns passarinhos que você gosta cantando... Passarinho brasileiro, não é canário belga, não.

4. *Mas Tom, fui eu quem te fez essa pergunta...*

Tom — Não, eu perguntei pra você me ajudar, para eu lembrar, porque às vezes a gente ama e o nome não ocorre, né?

5. *Muito bem. Vamos mudar de assunto.*

Tom — Não. Não vamos mudar de assunto, não. Dentre os pássaros, eu diria — eu diria é *chato* pra burro, né? — eu digo... o inhambu-açu, o (longa pausa)... a capoeira... ihambu-açu é nambu-guaçu em São Paulo, e capoeira é uru... Mas pra nós é mesmo inhambu-açu e capoeira. O inhambu-tirulim das baixadas tem um piado triste e bonito também. Os jaós são belos também. (Entre parênteses, os dois: o *noctivagus-noctivagus* e o *ondulatus-ondulatus*). Macuco é *tinambus-solitarius*... Jaguatirica é *felix-pardalis*...

6. *Você viu o Festival da Canção?*

Tom — Não. Estava na serra. Ali mesmo onde cortaram as ár-

vores, e onde outrora piavam os pássaros.

7. *Mas gostou?*
Tom — Não vi e não gostei. Como também não gostei daquele que ganhei com Chico.

8. *Me diga uma coisa. Você tem notícias de Chico Buarque? Vocês aparentemente tão desorganizados se correspondem?*
Tom — Não nos correspondemos. Engraçado: eu ia te perguntar exatamente isso: quando volta o Chico Buarque? E Manolo me disse que volta no dia 10 de novembro.

9. *Corre na Zona Sul que você tem umas 200 músicas na cabeça e que está disposto a colocá-las no papel. Como é que é?*
Tom — Tenho umas 40 já no papel, mas não mostro nem conto.

10. *Por quê?*
Tom — (Longa pausa. E atenção: a entrevista está sendo escrita a máquina; nunca uso gravador). Porque... Porque é tempo de recolhimento, Carlinhos. Tempo de meditação. Manhã-noiteira (?). Entre parênteses: Guimarães Rosa, *O Burrinho Pedrês*. Eu li um livro de um cara lá no sítio, sabe, um cara lá de Curitiba, editado em 1922... *Curytiba* com ípsilon. Tem escrito litografia assim: *lytographia*. Ele fala, rapaz, como ser feliz em 10 alqueires de terra. Ensina a plantar o feijão das águas, o feijão da sêca, o feijão de vara, as épocas, a chuva, né? E diz que a casa deve ser fei-

ta em lugar alto, ventilado e soalheiro... Soalheiro! Não é genial? Ensina a fazer, a plantar a cana, a fazer a garapa, o vinagre, a cachaça, o açúcar — mascavo e branco, né? Ensina a castrar os porcos, a estrumar a terra, a revezar as... como se diz? Você não pode plantar sempre no mesmo lugar, porque senão a terra fica cansada, né? Oh, meu Deus, como é que se diz? A erosão, né? O problema da erosão... fazer marmelada, goiabada, pes-

segada...

11. *Um momento. O que você está querendo me dizer é que se considera um homem feliz.*
Tom — Não.

12. *Não?*
Tom — Certamente perto dêsse hipotético sítio, dêsses hipotéticos 10 alqueires, passaria uma estrada... Sítio bom, só nas nuvens...

13. *Esta é a pergunta número 13. Você é supersticioso?*

Tom — Todo homem é supersticioso. Eu não sou supersticioso assim... Eu sou supersticioso... Eu não sou supersticioso com o número 13. Às vêzes até já me deu sorte. Já viajei sexta-feira 13 para Los Angeles. Mas às vêzes certa arrumação dos paus no fundo de uma gruta, certa... (Longa hesitação) Certa umidade... Criam uma série de superstições. Umas coisas esquisitas. Tem, não é?

14. *Tem. E do número 14, você tem medo?*
Tom — Tenho. Porque é 13 mais 1. E você?

15. *Eu também tenho. Agora me diga uma coisa. Como é que anda o seu LP nova-iorquino, aquele que se chama Stone Flower, em cujo álbum você parece gravado, e que é uma beleza?*

Tom — É o paletó aberto que dá a impressão de uma enorme barriga. O LP está excepcional. Acho que nunca tive um disco tão bem gravado. E o Creed Taylor é mesmo *aquêle* artesão, né? Que vai para o estúdio e só sai de lá quando fica bom. O Paulinho Soledade levou os acetatos e eu não posso mais ouvir o LP Paulo Valente Soledade, o popular Centelha Rubra. Onde estão os meus acetatos, agora que che-

16. *Você nesse disco toca Aquarela do Brasil e Carinhoso. Pixinguinha já soube?*

Tom — Não. Ele vai saber agora e espero que fique satisfeito com a gravação.

17. *Os americanos gostaram?*

Tom — Ficaram bêstas. Perguntavam sempre sobre a música. E eu gravei não foi de homenagem, não. Eu gravei porque a música é mesmo melhor do que as outras.

18. *Como é que é? Nunca te vi na praia, nem de calção. E no entanto você é um compositor sempre preocupado com o mar. Qual é o problema?*

Tom — Não existem mais praias na GB. Existem Volkswagens. Existe poluição. Conseguimos o impossível: estragar o mar, que parecia tão indestrutível. É o progresso.

19. *Seus planos imediatos?*

Tom — Trabalho, trabalho, trabalho. Mas comigo mesmo. É doloroso.

19B

— Por quê

Tom — Já sem risos, sem elo-

20. *Finalmente, Tom, vou lhe fazer uma pergunta que acho que ninguém nunca fez. Uma pergunta do tipo que se faz às candidatas a Miss Brasil, tipo: "Qual o seu autor predileto?" E elas respondem: Saint-Exupery. muito bem. Das músicas que você fez, qual a sua preferida? E qual a que você menos gosta?*

Tom — Mas que pergunta terrível. Rapaz, você sabe que eu não sei responder a essa pergunta, né? Agora, eu acho muito importante que o Brasil tenha Vila-Lôbos e Carlos Drummond de Andrade. É muita burrice isso, hem? Não, porque... Não vai escrever tudo o que eu digo, não... Carlinhos, você é o melhor pianista que eu já vi com esta Lettera 22... Do Manolo... Será que o público vai entender o que é Lettera 22? Parece nome de pistola.

21. *Tom, leitor do JORNAL DO BRASIL sabe tudo.*

Tom — Sabe, sim. Sabe tempo instável, temperatura em declínio. Anticiclone polar, ventos de todos os quadrantes, não sei quantos milibares, preamar: 11h45m, baixamar: Rua Montenegro, esquina de Fifth Avenue... RJ-RJ (o radiofarol dos aviões), ilha dos Ferros, lá no fundo da baía... Sabe tudo, sim.